

Entre o Lazer e o Esporte: saberes aéreos da arqueria indígena e tradicional¹

*Between Leisure and Sport: aerial knowledge of
indigenous and traditional arqueria*

*Entre Loisir et sport: la connaissance aérienne de
l'arqueria indigene et tradittionelle*

Soraia Chung Saura

Universidade de São Paulo-USP

soraiacs@usp.br

Ana Cristina Zimmermann

Universidade de São Paulo-USP

ana.zimmermann@usp.br

Teresa Oliveira Lacerda

Universidade do Porto (Portugal)

tlacerda@fade.up.pt

Resumo: Neste texto, busca-se, a partir da fenomenologia da imagem, destrinchar elementos estéticos – materiais e simbólicos – da arqueria tradicional e autóctone, que junto com as cestas, formam um dos pares simbólicos mais antigos da humanidade. É da perspectiva das populações autóctones brasileiras que nos propomos a colocar em debate concepções de Esporte e Lazer no contexto destas cosmologias. Trata-se de um estudo teórico que busca dialogar com a fenomenologia e o imaginário bachelardiano. Mas que leva em conta diferentes experiências biográficas e

1O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

This study was financed in part by the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Finance Code 001.

bibliográficas de campos em comunidades tradicionais e autóctones. Populações Indígenas compreendem o Lazer e o Esporte como parte de um sistema que ativa a comunidade. Neste sentido incluem práticas de brincar livre, jogos, danças, rituais e trabalhos comunitários. Neste sentido, Lazer e Esporte não estão dissociados da noção de Bem-Viver, fortalecem o tecido comunitário, a identidade dos povos e a sensação de pertença, sendo também centrais em suas práticas educacionais. No caso da arqueria, trata-se de uma prática com potencial de reconfigurar, intercorporeamente e simbolicamente, imagens de liberdade na velocidade ou no voo, também imagens de ascensão e queda, apresentando novidades e repercussões estéticas aos seus praticantes.

Palavras-chave: Lazer. Esporte. Estética do desporto. Brincar. Jogos indígenas. Jogos tradicionais.

Abstract: The aim of this text, based on the phenomenology of the image, is to unravel the aesthetic elements – material and symbolic – of traditional and indigenous arqueria, which together with baskets, form one of humanity's oldest symbolic pairs. It is from the perspective of Brazil's indigenous populations that we propose to debate conceptions of sport and leisure in the context of these cosmologies. This is a theoretical study that seeks to dialogue with phenomenology and the Bachelardian imaginary. However, it takes into account different biographical and bibliographical experiences from fields in traditional and indigenous communities. Indigenous populations understand leisure and sport as part of a system that activates the community. In this sense, they include practices of free play, games, dances, rituals and community work. Leisure and sport are not dissociated from the notion of Good Living, they strengthen the community fabric, the identity of the peoples and their sense of belonging, and are also central to their educational practices. In the case of arqueria, this is a practice with the potential to reconfigure, intercorporeally and symbolically, images of freedom in speed or flight, as well as images of rising and falling, presenting novelties and aesthetic repercussions to its practitioners.

Keywords: Leisure. Sport. Aestheticsof Sport. Play. Indigenous Games. Traditional Games.

Résumé: L'objectif de ce texte, basé sur la phénoménologie de l'image, est de démêler les éléments esthétiques – matériels et symboliques – de l'arqueria traditionnelle et indigène, qui forme avec les paniers l'un des couples symboliques les plus anciens de l'humanité. C'est dans la perspective des populations indigènes du Brésil que nous proposons de débattre des conceptions du sport et des loisirs dans le contexte de ces cosmologies. Il s'agit d'une étude théorique qui cherche à dialoguer avec la phénoménologie et l'imaginaire bachelardien. Cependant, elle prend en compte les différentes expériences biographiques et bibliographiques des terrains des communautés traditionnelles et indigènes. Les populations indigènes conçoivent les loisirs et le sport comme faisant partie d'un système qui active la communauté. En ce sens, ils incluent les pratiques de jeu libre, les jeux, les danses, les rituels et le travail communautaire. Les loisirs et le sport ne sont pas dissociés de la notion de bien vivre, ils renforcent le tissu communautaire, l'identité des peuples et leur sentiment d'appartenance, et sont également au cœur de leurs pratiques éducatives. Dans le cas de l'arqueria, il s'agit d'une pratique qui a le potentiel de reconfigurer, de manière intercorporelle et symbolique, les images de liberté dans la vitesse ou le vol, ainsi que les images d'élévation et de chute, en présentant des nouveautés et des répercussions esthétiques à ses praticiens.

Mots-clés: Loisirs. Sport. Esthétique. Jeu. Jeux indigènes. Jeux traditionnels.

Introdução

Os guerreiros *xapiri* colocam em suas flechas pontas de lascas celestes, de um brilho ofuscante, como um metal luminoso. Vão buscá-las nos confins da floresta, onde o céu se aproxima da terra e o sol desaparece. Com essas pontas muito poderosas, nunca erram seus alvos, mesmo a enormes distâncias. (Kopenawa e Albert, 2010, p. 131).



Figura 1 - criança da etnia Yudja no Território Xingu, Brasil, 2017

Fonte: Renata Meirelles / Projeto Território do Brincar²

Na perspectiva da Filosofia do Esporte, mais especificamente nos campos da fenomenologia e do imaginário, as recorrências revelam algo que compartilhamos: uma corporeidade que se estabelece em relação (Zimmermann e Saura, 2017), em imaginários que devaneiam a partir das provocações da materialidade do meio (Hackerott, Zimmermann e Saura, 2023; Ito, Saura e Zimmermann, 2022). Assim, pensamos em uma

² Produções áudio visuais resultantes de pesquisas sobre o brincar livre e espontâneo: <https://www.youtube.com/user/territoriodobrincar>

intercorporeidade (Franco, Santos e Caminha, 2020) que se estabelece estética e ambientalmente nas coisas do mundo. Na Filosofia do Esporte, a área que aproxima esporte e estética, encontra-se nomeadamente consolidada um campo que permite reflexões sobre dimensões do Ser a partir do universo sensível e emocional. Diversos autores (Cordner, 2003; Davis, 1999; Lacerda, 2002; Platchias, 2003; Takács, 1989) destacaram que o esporte pode ser considerado um objeto estético em si mesmo, abrigando qualidades latentes, donde os juízos estéticos ganham destaque, ou seja, aquilo que move e toca o ser humano para e na prática esportiva (Lacerda e Mumford, 2010).

Interessadas nesta experiência estética vivida na experiência sensível de movimentar-se, apoiamo-nos na fenomenologia da imagem de Gaston Bachelard. Ao desenvolver extenso trabalho sobre a relação da humanidade com a materialidade do mundo, Bachelard nos mostra alguns entrelaçamentos deste sujeito-mundo, cuja percepção provoca um imaginário calcado em bases coletivizadas (Bachelard, 1994). Esse ponto de vista tem se mostrado propício a investigações que consideram os fascínios que desenvolvemos ao vivenciarmos dessas materialidades. Estudos anteriores na área da Filosofia do Esporte apontam para a materialidade e os significados que damos à prática desportiva: Fernandes e Lacerda (2010) apresentam a relação sensível do nadador de alto rendimento com a água, Recours (2013) explora o sonho e o desejo de praticar desportos de neve, Edgar (2015) explora o espaço como fonte central de prazer estético no futebol, Zimmermann e Saura (2017) abordam o significado dado aos espaços nos esportes de aventura, Ito, Saura e Zimmermann (2022) investigam os fascínios da escalada em rocha, Carvalho *et al* (2022) revelam o Brincar Livre e Espontâneo que se desenrola dentro de casa e Hackerott, Zimmermann e Saura (2023) apresentam os entusiasmos de navegar com foil³. Nesse sentido, a prática do arco e flecha, presente em todos os cantos do globo terrestre, indica, por força de sua recorrência, este atravessamento intercorpóreo.

3. O foil em veleiros é uma asa fina inserida na parte de baixo do veleiro, fazendo com que este equipamento, ao invés de flutuar em contato direto sobre as águas, esteja elevado pelo foil. Isso diminui o contato do barco com a água e aumenta sua velocidade.

Neste texto, busca-se, a partir da fenomenologia da imagem, destrinchar elementos estéticos – materiais e simbólicos – deste equipamento que há muito é utilizado pela humanidade. É da perspectiva de tantas populações autóctones que nos propomos a colocar em debate concepções de Esporte e Lazer no contexto destas cosmologias. Na atualidade,

O desporto investe o corpo de movimento, permitindo um discurso individual e coletivo, que possibilita algumas significações. Se o movimento, em termos latos, se baseia em um conjunto de ritmos, mais ou menos coordenados (dos ritmos fisiológicos aos ritmos locomotores), o movimento desportivo aufere a possibilidade de animar o corpo numa dança que se identifica com a vida. (Lacerda, 2007, p. 394).

Este olhar estético é similar à perspectiva dos Jogos Indígenas cujas concepções aproximam Esporte e Lazer, abraçados como um só e em favor desta dança da vida (Krenak, 2019). Afinal, os fazeres indígenas são pretextos, ou ainda, armadilhas, como afirmou Jaider Esbell sobre sua arte: “(...) é uma armadilha para pegar bons curiosos. Não é um quadro, flecha ou cerâmica; é um feitiço para falar de um assunto sério que é a urgência ecológica” (Germano, 2021, s/p.).

Esta urgência ecológica pode se relacionar sobretudo a novos modos de compreender a percepção e sua importância nos processos de uma ecologização do corpo (Zimmermann e Andrieu, 2021). Este corpo, “que elege o movimento desportivo como forma de expressão e se converte em um elemento matricial da estética do desporto” (Lacerda, 2007, p. 394), para os povos indígenas é o ponto de partida para saberes incorporados. Para falar de esporte e lazer nestas cosmologias, valemo-nos deste inseparável equipamento que forma um par, o arco e a flecha, por ser uma recorrência incontestada nas comunidades tradicionais brasileiras até os dias atuais, especialmente entre as originárias. De mais a mais, esta prática está incluída em um repertório global, conforme observamos em eventos internacionais promovidos pela UNESCO/ONU e World Ethnosport Confederation (WEC), que nos conferem o privilégio de inter-relacionar conteúdos locais e globais.

A arqueria também se dá a ver nos esportes modernos, onde as técnicas de tiro são reproduzidas em ambientes internos e externos. No

cenário esportivo, é comum ouvirmos que se trata de um esporte exótico e elitista, dadas as especificidades dos equipamentos e do acesso a eles. Por outro lado, é retratado na história da humanidade desde pinturas pré-históricas a coleções culturais. Intriga-nos que esteja atualmente presente em tantas culturas e etnias diferentes, do passado ao presente, e sem predominância geográfica ou histórica (Carvalho *et al*, 2015).

Inferimos que olhar para as aspirações estéticas – materiais e simbólicas – da arqueria nos auxilie a compreender a força simbólica e ancestral contida no gesto de um arqueiro ou de uma arqueira quando seu equipamento é elevado para o alto, atualizando no aqui e no agora práticas corporais e estéticas de Esporte e Lazer.

Pesquisar esse tipo de prática é também sobrevoar áreas do conhecimento que nem sempre são convergentes: do alto rendimento às práticas tradicionais, da arqueologia à biodinâmica do movimento, de campos culturais específicos até a identificação de uma recorrência simbólica. Nesse sentido, abordamos este assunto a partir de uma perspectiva fenomenológica, donde as questões intercorpóreas e os elementos simbólicos nos interessam. Esses elementos nos atravessam e isso persegue a fenomenologia: uma subjetividade estética emocional e compartilhada, uma intercorporeidade que se estabelece em relação (Merleau-Ponty, 1962; Bachelard, 1994; Zimmermann e Saura, 2017; Saura e Zimmermann, 2021; Zimmermann, Ito e Saura, 2021; Martinková e Parry, 2011; Nóbrega, 2016).

Metodologia

Trata-se de um estudo teórico que busca dialogar com a fenomenologia e o imaginário bachelardiano. No entanto, foram realizadas observações sistemáticas em anos pré-pandêmicos (2018 e 2019) em diferentes situações de prática, desde brincadeiras infantis a competições em eventos de Jogos dos Povos Indígenas (Vinha e Ferreira, 2005), além de trabalhos de campo no interior destas comunidades. Em composição, se apresentam referências filosóficas indígenas (Bianchi, 2021; Kopenawa e Albert, 2013; Krenak, 2020). Estabelecemos um diálogo direto entre as

áreas da fenomenologia e do imaginário, pois identificamos em trabalhos anteriores que as reduções fenomenológicas muitas vezes nos conduzem a imagens simbólicas correspondentes àquelas encontradas em obras bachelardianas, nas cosmologias e mitos originários, na relação do homem com a natureza e seus elementos de grandeza, como mares, montanhas e árvores (Hackerott, Zimmermann e Saura, 2017; Ito, Saura e Zimmermann, 2022; Saura, Eckschmidt e Zimmermann, 2015). O debate deste artigo, nesse sentido, também se baseia nas pesquisas de campo realizadas pelo Grupo de Pesquisa Interdisciplinar PULA (CESCMH_EEFE_FE_USP), que há dez anos realiza trabalhos de campo em diferentes comunidades brasileiras consideradas tradicionais. Em todos os trabalhos, fica claro que essas comunidades atualizam as noções de resistência ao mundo contemporâneo, deixam nítida a interdependência em relação ao meio ambiente e aos ciclos da natureza. Além de intensa e sensível produção simbólica, donde se encontram suas narrativas, danças, jogos e outras práticas corporais.

Concomitantemente, em 2022, promovemos o primeiro curso universitário brasileiro sobre Jogos dos Povos Indígenas⁴, especialmente com professores indígenas. Foi bastante estimulante ter uma equipe de professores autóctones em um curso universitário, resultado de um convênio firmado entre a Escola de Educação Física e Esporte da Universidade de São Paulo (EEFE-USP) e o Comitê Intertribal Indígena Brasileiro (ITC). Esse curso e seus professores também foram uma importante fonte de dados sobre as práticas e concepções das populações indígenas no que tange o Esporte e o Lazer. Além destes professores indígenas, outros pesquisadores acadêmicos dos Jogos dos Povos Indígenas estiveram presentes pontuando suas pesquisas de longa data sobre este evento de relevância mundial (Ferreira, 2010; Fassheber, Freitag, Ferreira, 2008; Vinha, Ferreira, 2005).

⁴ Curso de Difusão “Jogos dos Povos Indígenas e Saberes Originários”, de 01.06.2022 a 31.08.2022. <https://agencia.fapesp.br/jogos-dos-povos-indigenas-e-saberes-originarios/38710#:~:text=Os%20Jogos%20dos%20Povos%20Ind%C3%ADgenas,das%20culturas%20tradicionais%20e%20origin%C3%A1rias>.



Figura 2 - Comitê Intertribal Indígena na Escola de Educação Física e Esporte da Universidade de São Paulo. Dentre os professores, Marcos Terena, Maria Beatriz Rocha Ferreira e Soraia Chung Saura

Fonte: Soraia Saura/Arquivo pessoal

Com base nessas experiências, analisamos alguns dos aspectos míticos e simbólicos deste equipamento, composto de duas partes: o arco e a flecha. O que o arco e flecha nos dizem sobre nossa corporeidade e relações estéticas com o mundo? De uma perspectiva fenomenológica, como pode fortalecer e atualizar uma consciência vivente e planetária, própria de um modo de ser destes coletivos? O arco e flecha, em contextos indígenas, vinculam nossa humanidade ao ambiente, ampliando a percepção ao mesmo tempo em que atualizam imagens e significações relevantes para a arqueira ou arqueiro. Destacamos que se trata de um equipamento tão presente quanto seu correspondente simbólico oposto: as cestas. A cesta, igualmente como o arco e a flecha, mostra sua presença de modo enfático. Como o arco e a flecha, adapta-se à estrutura socioambiental em diferentes materiais e formatos, mantendo sua estrutura fundamental (Guin, 1986). Neste sentido, quando falamos de caçadores (arco e flecha) inferimos os coletores (cestarias). Uma polaridade imaginária complementar, cujas dimensões estéticas atualizam-se nos gestos do cotidiano. Nas aldeias, as crianças carregam seus pequenos cestos, bem como seus arcos e flechas em miniatura. Mirim, significa o pequeno que contém o grande (Ferreira-

Santos, 2004). Os equipamentos para as crianças são menores, no entanto, exercem seus fascínios uma vez que são fabricados do mesmo material autêntico, não sendo apócrifos. No brincar infantil atesta-se há bastante tempo, por exemplo, que um martelo de plástico não tem funcionalidade. Elementos emocionais e estéticos são valorados de acordo com sua verdade ética.

O arco toma o formato abaulado das cestas, antes de lançar aos ares a sua flecha. Nesta imagem do lançamento, há uma condensação simbólica que acontece quando duas sensibilidades distintas se conjugam sinergeticamente e com precisão: a que acolhe e a que lança. Assim o arco, assim a flecha.

Bachelard: enxergando longe

Este artigo considera a fenomenologia bachelardiana da imagem (Bachelard, 1988) seguindo os rastros da fenomenologia da percepção (Merleau-Ponty, 1962). O filósofo Merleau-Ponty descreve a dimensão corporal como a principal fonte de significado, o ponto de referência do ser no mundo. Esse entendimento se aproxima do que as comunidades tradicionais têm lutado para preservar: o tempo de experiência sensível, necessário para qualquer relação de alteridade. Para Bachelard, a percepção e o contato com a materialidade do mundo podem ativar sensações e imagens compartilhadas – são intercorpóreas e materializam-se nas artes de forma em geral, mas não somente. Razão e imaginação, indissociadas, fazem dos sonhos, por exemplo, uma fonte de conhecimento, como atestam nossas tantas etnias.

Ainda, destacamos o papel da percepção, do tato ao olfato, comungando com o pensamento indígena, que escuta os sussurros da mata. Xapiris habitam todos os seres, animais humanos e não humanos (Kopenawa e Albert, 2013). A arte e a ciência, irmãs, não são meras reproduções e traduções do mundo oferecido, mas atividades corporificadas. Os objetos da vida cotidiana indígena, que servem a uma utilidade empírica, consagram a arte conceitual do bem-viver em sua estética. Para Bachelard, a metodologia imaginativa é como o movimento:

provocada pelas coisas do mundo. A matéria e as substâncias motivam o corpo e despertam sensações e imaginários. Em nosso grupo de pesquisa, por exemplo, as práticas corporais que envolvem ar e velocidade são descritas, em inúmeros depoimentos – de atletas do alto rendimento a praticantes de lazer - como a sensação de liberdade. Não se trata de explorar o significado do conceito de liberdade, mas de sentir sua potência corporificada. Uma possibilidade outra de existência para quem assim o percebe.

Esta possibilidade pode nutrir a paixão e o engajamento com a arqueria, numa dedicação que se consuma num jogo de força e subtileza de movimentos, de precisão e evasão. “Me sinto livre”, nos contam também ciclistas, skatistas, velejadores, surfistas e até corredores. O espaço aberto, o vento, as pipas, as velas, os saltos e voos. “O homem é uma criação do desejo, não uma criação da necessidade” (Bachelard, 1964, p. 16). Assim a técnica atende aos desejos da vontade. Ela é fundamental para esta percepção de liberdade. O domínio técnico é capaz de aceder à liberdade pelo movimento, corporificando-a.

No caso dessa sensação, ela evoca, por si só, algumas imagens. O elemento aéreo e a liberdade estão na leveza de imagens resplandecentes ao alto, ascensionais. Constelam-se entre pássaros e flechas. A imaginação e toda a constelação do imaginário desempenham um papel central, pois não é um estado, mas “a própria existência humana” (Bachelard, 1988, p.11).

Bachelard dá à imaginação o status de uma fonte de conhecimento corpóreo - ativada pelos sentidos e pelas coisas do mundo. A imaginação dá vida ao imaginário, que, por sua vez, dá vida às imagens. Ao contrário de Sartre (1950), para quem a imaginação é racional e representativa, ou de Jung (1932), para quem os arquétipos se movem em nossa mente entre o inconsciente e o consciente, a imaginação de Bachelard é corporificada. Diante da impossibilidade de separar o homem racional do homem sensível, ou da separação sujeito-objeto no caso da ciência, Bachelard busca olhar as coisas como novidade, como espanto, como experiência. Nesse momento, a partir da obra “A Poética do Espaço” (publicada em 1957), a fenomenologia começa a figurar como uma forma de olhar para essas imagens. Este artigo baseia-se em obra anterior, O Ar e os Sonhos (Bachelard, 1988), onde a

imagem do arco e flecha é apontada como recorrente e mais, com simbolismos que, embora suscitados pelo filósofo a partir do método psicanalítico, já deixam entrever a abordagem fenomenológica. No esforço de "restaurar a subjetividade das imagens" (Bachelard, 1994, p. 22), ou seja, de identificar nas imagens elementos de nosso repertório biocultural - a humanidade que nos atravessa - a fenomenologia vai se revelando como um percurso.

Assim é que, em no O Ar e os Sonhos (1988), Bachelard identifica a imagem da flecha entre imagens primeiras e centrais. "No momento em que as imagens formam uma série, elas designam uma matéria primária, um elemento básico" (Bachelard, 1988, p. 8).

É mister salientar que o Esporte entre nossas nações indígenas, apresenta-se como um conceito mais ampliado do que internacionalmente o próprio termo "*Sports*" - cuja concepção inclui atividades físicas de esporte e lazer. Além de jogos e brincadeiras, as populações do território xinguano (mas não apenas elas) compreendem nesta concepção suas danças, competições, festas, rituais e trabalho comunitário. O esporte se revela, portanto, onde parece haver energia corporal envolvida em cruzamento com atividades comunitárias comuns. Brincadeiras, jogos, competições, danças-rituais e mutirões de trabalho foram qualificados enquanto tal: esportes. Ainda que se revelem, na prática, em momentos de lazer, também ampliado para um outro tipo de concepção que envolve o Bem-Viver (Acosta, 2019). Esporte e Lazer indistintamente no caso do Arco e Flecha são capazes de reconfigurar, no corpo, imagens de liberdade na velocidade ou no voo, também imagens de ascensão e queda, apresentar novidades e repercussões internas, intercorpóreas e intersubjetivas. Os professores indígenas testemunharam que estas práticas, vivenciadas coletivamente em festas, danças, jogos, lutas ou mutirões fortalecem o tecido comunitário, a identidade dos povos e a sensação de pertencimento comunitário.

Os jogos e as brincadeiras não são praticados apenas para o desenvolvimento de habilidades motoras ou para a vitória. Temos visto que são o *locus* desse aprendizado perceptual e sensorial, do aprendizado relacional sobre si mesmo, sobre o outro e sobre o mundo, com base na experiência corporal. Trata-se de um conhecimento que parte de um corpo sensível. Este corpo sensível é inaugural da experiência estética (LACERDA,

2012), cuja presença encarnada em um mundo físico participa da ambiguidade das coisas (MERLEAU-PONTY, 2004). Reconhecer outrossim sentimentos, sensações e afetos tanto para a experiência do mundo, quanto para a produção do conhecimento (BACHELARD, 1998) é argumentar contra o modelo científico em torno do conhecimento oriundo da razão instrumental - cuja epistemologia ocidental enaltece a objetividade como pressuposto da verdade.



Figura 3 - Atleta indígena Kuikuro, 2022

Fonte: Soraia Saura/ Acervo pessoal

Além de ensinar os mais jovens, os jogos também podem ser ritos de passagem que transformam os jovens em adultos. Como, por exemplo, quando são convidados a passar a noite na mata apenas com seu arco e flecha, tendo que

retornar com uma caça grande - como uma anta -, demonstrando, assim, sua capacidade de prover o sustento de sua comunidade (KOPENAWA e ALBERT, 2013).

Bachelard situa a flecha como um item simbólico significativo para toda a humanidade, estando relacionada ao elemento aéreo, fundamental para a sobrevivência da espécie humana. O ar, que tanto nos faltou durante o período da pandemia, também está ausente nas florestas queimadas. Pensadores e mestres indígenas (KRENAK, 2020; KOPENAWA e ALBERT, 2013) nos alertam sobre o ar que nos falta. Além disso, sobre a relação temporal em um mundo repleto de excessos de produtividade. Eles advogam contra o esgotamento dos corpos (KRENAK, 2020; HAN, 2010), sobre a necessidade de repensar nossas práticas e atividades, e sobre o lazer em uma perspectiva ecológica.

Para Bachelard o sonho possui função estruturante central à psique. Pensadores indígenas alertam para a ausência de sonhos e imaginação no mundo contemporâneo e ocidentalizado. Como, sem eles, será possível aventarmos outros mundos? Nesse sentido, Bachelard, esse filósofo da ciência, corrobora o pensamento indígena: ele centraliza a imaginação como fonte de conhecimento, reabilitando um primeiro olhar fenomenológico para as coisas do mundo: sem julgamentos, aberto, maravilhado. O olhar do espanto (ZIMMERMANN e SAURA, 2019).

O alcance do Arco e Flecha

Os fenômenos aéreos, em particular, fornecerão diretrizes muito gerais e importantes para a subida, ascensão e sublimação. (Bachelard, 1988, p.09).

Bachelard e outros estudiosos (Durand, 1997; Ferreira-Santos e Almeida, 2012; Garagalza, 2014; Hackerott, Zimmermann e Saura, 2023; Ito, Saura e Zimmermann, 2022; Pitta, 2017) exploram essa arqueologia de imagens que remonta ao *homo sapiens*, à observação acurada da natureza, às explicações mitológicas. O que atualizamos em nosso repertório como novidade sempre que jogamos de novo e de novo? O que o mundo percebido

desperta em nós? Por meio dessa observação precisa e constante, das descrições e da redução fenomenológica, as imagens se constelam em núcleos estéticos comuns. Quais são as recorrências e as repercussões?

O arco e a flecha estão entre as imagens mais poderosas da humanidade, de acordo com o autor (1988). Uma tecnologia antiquíssima, com algumas das pontas de flechas mais antigas encontradas em cavernas na África do Sul e datadas de cerca de 64.000 anos atrás (Ludovic Slimak et al, 2022). Cientistas acreditam que o arco e a flecha foram fundamentais para o desenvolvimento do *Homo Sapiens*. Com este equipamento, os seres humanos teriam sido capazes de abater suas presas a uma distância considerável e, ao mesmo tempo, longe de serem atacados. Essa foi a primeira maneira de caçar com segurança e fornecer mais proteína para seu coletivo (Mckie, 2022). Além disso, "caçar com arco e flecha requer um intrincado planejamento em várias etapas. Coleta de materiais, preparação de ferramentas e uma série de habilidades sociais e de comunicação inovadoras". (Beckwell et al, 2018, p.5).

Os povos indígenas atualizam seus conhecimentos ancestrais sobre o arco e a flecha até os dias atuais, familiarizados que estão com os materiais do ambiente do entorno. Esse conhecimento lhes permite conhecer a flexibilidade e a compressão da madeira das árvores para a fabricação do arco. Da mesma forma, são necessários materiais específicos para as cordas, para as pontas das flechas e ainda, para a haste da flecha. Os filetes de madeira devem ser cortados e afiados, tornando-se leves e resistentes. Muitas vezes, o alinhamento da madeira é feito com fogo e água. É admirável, sendo um artefato artesanal, que as flechas sejam tão retas e afiadas, o que aumenta seu poder de precisão. Feitas à mão até os dias de hoje, laminadas na faca. As penas e os itens de amarração são componentes importantes para a estabilidade do voo da flecha. E as pinturas revelam as diferentes cosmologias.



Figura 4 - Mulheres indígenas no acampamento Terra Livre

Fonte: Marcelo Camargo / Agência Brasil⁵

É sintomático que sempre sejam as penas o material escolhido para a amarração nas pontas. Poderiam ser de qualquer outro material, entre tantos encontrados na floresta. Outras matérias-primas podem realizar o peso necessário na ponta da flecha, como os materiais de silicone que os atiradores esportivos profissionais utilizam atualmente. Poderiam ser cordas e cipós, que desempenhariam a mesma função anatômica e biodinâmica de inserir um peso na parte de trás da flecha. No entanto, se a flecha infere o voo, como argumenta Bachelard (1988), o maior simbolismo deste voo estaria contido nas penas de pássaros. Para ele, o voo é a própria imagem da ação da flecha. A flecha representa bem a imagem dinâmica do voo, e as penas só a amplificam. E para o filósofo: "O voo é uma beleza primordial para a imaginação dinâmica." (Bachelard, 1988, p.66).

Entre as penas, temos as leves e as pesadas. Para as flechas, são selecionadas as mais bonitas – em todo equipamento a dimensão do belo importa. "Uma flecha é rápida e reta. Como sua imagem reúne adequadamente essas duas qualidades, ela é um ponto de partida dinâmico". (Bachelard, 1988, p.59) O arquitecto Álvaro Siza afirma que 'a

⁵ Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/fotos>

beleza é o auge da funcionalidade’ (Belogolovsky, 2017, s/p). E a beleza deve ser funcional a fim de não prejudicar a eficácia do movimento. As flechas, certeiras e velozes reúnem duas qualidades dinâmicas (Bachelard, 1988).

O caráter utilitário do arco e flecha é evidente: para a caça e para a guerra. Mas nada explica ou justifica o fato de que nossas nações indígenas não usem armas de fogo ainda em 2024. Elas têm acesso a essas armas, mas optam por dispensá-las sempre que o contexto permite. Consideram-nas barulhentas para a floresta e perigosas para estar na comunidade, parecendo decorrer daqui uma quase pedagogia estético-ética, que se expressa na relação de intimidade e de harmonia com o ambiente, valorizando e celebrando a beleza da terra que os acolhe, numa espécie de integridade estética. Enquanto isso, arcos e flechas estão nas mãos de crianças, adultos e idosos, revelando outro aspecto dos jogos indígenas: seu caráter intergeracional, presente também em outros jogos tradicionais (Saura e Zimmermann, 2021). É importante manusear bem o conjunto que forma este equipamento - para fins concretos, educacionais ou míticos. Assim, o arco e flecha e suas variedades revelam a prática intercorporal da relação homem-mundo: o mundo como a tela, na qual o arqueiro esboça e pinta pelo movimento, que se oferece à apreciação estética, sendo de uma beleza ímpar acompanhar lançamentos-rituais nas aldeias, por exemplo, aqueles que homenageiam grandes espíritos de outrora, onde toda a comunidade lança suas flechas ao céu.



Figura 5 - David Karai Guarani Mbya, criança indígena que sonha em ser um grande guerreiro

Fonte: Soraia Saura/ Arquivo pessoal

O valor estético do arco e da flecha, decorre também da plêiade de formas possíveis: cada uma das 305 nações indígenas do Brasil tem seu tipo, com grafismos que representam uma nação e cultura específica, assim como seus valores e cosmologias expressos em sua arte. Isso é uma questão, por exemplo, em situações de uniformização da prática. Como nos eventos dos Jogos dos Povos Indígenas. Com quais equipamentos iremos competir? Em outros países, a padronização da arqueria tradicional também é vista como um dilema, como no caso da Coreia (Na, 2019). Dentre as nossas nações (mas não só elas), arcos e flechas são confeccionados para as mais diferentes finalidades: pescar, caçar, brincar e para fins rituais. Cada um deles é uma obra de arte. Os objetos utilitários não estão dissociados de uma experiência estética. No Brasil, o equipamento adquire formas multivariadas: são grandes e às vezes gigantes, podem ser pequenos e ainda assim muito poderosos, ou apenas para brincadeiras de criança. Para fins

rituais, são os arcos mais fortes, com flechas que voam mais longe: prestam homenagem aos espíritos do céu.

Os alvos para treinamento podem ser cestos pendurados ao vento, balançando: são mais difíceis de acertar. Também presenciemos o lançamento de discos de palha pelo chão, que as crianças miram como se fossem animais ou peixes em movimento. Os acertos são comemorados - as crianças estão ficando fortes e espertas. Elas precisam aprender a fabricar o equipamento e a usá-lo bem, e aqui estão contidos os valores estético-éticos da caça sustentável. Não se flecha animais à toa, por qualquer motivo. E o bom caçador, argumenta Kopenawa, lança uma flecha certa visando diminuir o sofrimento animal. Também são comuns entre as crianças as brincadeiras de atirar pequenos dardos uns nos outros: eles exigem a habilidade de se esquivar da flecha lançada pelos amigos, que vem rápida e certa no ar. Destaca-se aqui a afinidade entre o lúdico e o estético (Huizinga, 2019). Em termos de relações intercorporais, a arqueria continua a produzir sentidos, sendo um importante equipamento para a interação homem-mundo e se relacionando com uma infinidade de corpos, épocas e culturas.

Essa mesma força se manifesta em termos simbólicos. O arco e a flecha figuram como componentes de mitologias em todo o mundo. Entre nossas populações indígenas, eles estão nas mãos de homens e mulheres, mas também de espíritos e seres da floresta. Um tiro muda o destino de um ser para sempre. A relação mestre-discípulo também aparece nestas narrativas. A voz dos mais velhos e sua experiência com o equipamento são importantes para os jovens aprendizes.

Há metas espirituais a serem alcançadas - ficar mais calmo, mais concentrado, mais meditativo ou mais silencioso. Se você errar o alvo, mas a flecha for mais longe, há significados embutidos. Acertar o alvo é apenas uma faceta da prática. A superação dos desejos, a expectativa, o autocontrole, a respiração e a sublimação também são mencionados. Para Bachelard, não há dúvida sobre as recorrências imagéticas da flecha: impulsionada por um arco imponente, forte e firme, a flecha voa. Ela contém em si mesma o elemento aéreo, o sonho de voar e o modo de realizá-lo. As flechas apresentam a imagem de voos perfeitos. A perfeição manifesta-se

como utopia antropológica. As flechas são a imagem de voos perfeitos porque as flechas seriam perfeitas.

De acordo com o autor, nas imagens de verticalização promovidas pelo uso da flecha, encontramos valores morais de coragem associados a constelações de imagens ascendentes. Lançar-se ao mundo é difícil, e os povos indígenas brasileiros têm agido com base nesses esquemas de coragem, pelo menos desde o início da colonização. O arco e a flecha não retratam apenas instrumentos de guerreiros e caçadores. Simbolicamente, em sua ascensão, elevam os espíritos.

Antes, o arco e flecha era praticado também em disputas de vida e morte. Os professores indígenas costumam afirmar que ainda hoje é uma questão de vida ou morte, embora se refiram à vida da cultura e da tradição. No entanto, a prática é um treinamento para guerreiros: não como antigamente, em que se lutava com um adversário claro, mas para todos os esforços necessários que as lutas indígenas conclamam ainda hoje, especialmente na dimensão político-social. Há um longo caminho a ser percorrido em relação ao reconhecimento dos direitos das populações indígenas. A seta, portanto, figura simbolicamente na projeção otimista do futuro, na imagem da própria esperança.

A flecha humana vive não apenas seu elã, mas também seu objetivo. Ela vive seu céu. Ao tomar consciência de seu poder de ascensão, o ser humano toma consciência de seu destino como um todo. Para ser mais exato, ele sabe que é matéria, uma substância cheia de esperança. Nessas imagens, a esperança parece se tornar tão precisa quanto possível. É um destino reto. (Bachelard, 1988, p.60)

Historicamente, o arco e flecha estão associados a uma sensibilidade guerreira por seus esquemas ascensionais. No entanto, falamos também de uma sensibilidade refinada, exigida na delicadeza do elemento aéreo. Ana Luiza de Mesquita, professora de Tiro com Arco Paralímpico do Comitê Paralímpico Brasileiro, enfatiza a realização dos movimentos sofisticados. A respiração é tensionada e o ar é preso nos pulmões no momento em que se estica o arco. O ar sai dos pulmões juntamente com a flecha, promovendo uma sensação de alívio. Ao acompanhar a flecha o sentimento é de ampliação e liberdade. No caso do paraolímpico, afirma ela, o deslocamento

da flecha surpreende por sua velocidade e alcance, sendo mais especial ainda para aqueles cujo movimento é muitas vezes restrito. Ela diz perceber, além disso, que o vigor com que a flecha atinge o alvo também é gratificante para aqueles cuja força não é frequentemente reconhecida socialmente.

Arco e flecha costumam estar nas mãos de guerreiros e caçadores, mas, mais do que isso, guerreiros e caçadores com total autocontrole, coragem e benevolência. Atletas femininas prosperam no esporte. No advento da segunda edição do II Mundial dos Jogos dos Povos Indígenas, a vencedora no tiro com arco do evento, dentre todos os participantes, foi uma mulher indígena.

Considerações Finais: a flecha aponta para um Bem-Viver estético

Voos leves e voos pesados. Em torno desses dois tipos estão agrupadas todas as dialéticas da alegria e da tristeza, da liberação e da fadiga, da atividade e da passividade, da esperança e do arrependimento, do bem e do mal. (Bachelard, 1988, p.21).

O neoliberalismo pode desumanizar-nos em detrimento do ouro, da terra, da mineração e da ferocidade do dinheiro e das atividades lucrativas. Por outro lado, Krenak (2020) fala em defesa de uma cosmovisão dos povos originários em que a diversidade e a integração entre os diversos seres da natureza dão sentido à vida. Independentemente de políticas públicas, direitos adquiridos, modismos e outras questões, nossos povos indígenas continuam habitando as florestas com as mesmas características simbólicas e sustentáveis.

Eles trazem a ideia do Bem Viver - um conceito associado a uma relação sustentável com a natureza, não separada dela, que inclui visões de mundo míticas e um modo de ser integrado ao meio. O conceito de Bem Viver (Acosta, 2013), baseia-se na sabedoria tradicional e tem sido amplamente considerado como uma alternativa para nossa sociedade ocidental. Das nações indígenas, ele foi difundido entre os acadêmicos e

integra as políticas públicas, incluindo as constituições da Bolívia e do Equador (Altmann, 2014).

O Bem Viver difere da ideia ocidental de bem-estar, que se concentra no acesso a bens, serviços e riqueza – um ideário do capitalismo que não previa em sua concepção o esgotamento de recursos naturais. Nesse sentido, o Bem Viver pode ser considerado uma utopia, mas tem sido praticado por essas populações, que não prejudicam o planeta, apesar de habitarem o mundo desde o início dos tempos. Sobretudo no Brasil – o país mais sociodiverso e biodiverso do mundo – estes coletivos desempenham um papel central, na medida em que protegem as áreas da atuação de fatores externos. Tratam-se de cosmovisões que não objetivam o lucro e a produtividade, mas a manutenção de um sistema ecocentrado e notadamente comunitário.

Essas cosmovisões estão presentes em suas práticas, sempre mítico-simbólicas. Merleau-Ponty (1962) nos auxilia a compreender como percebemos o mundo, Bachelard, o simbolismo das imagens. No entanto, são as comunidades que produzem estes conhecimentos perceptivos e míticos, atualizando-os até hoje. Vimos como o fortalecimento comunitário e identitário se dão em atividades cotidianas e coletivas de Esporte e Lazer. Jogando, brincando, realizando festas e rituais, além dos mutirões comunitários, nossas populações indígenas declaram manter a saúde coletiva e alegre da comunidade. Outros estudos anunciam a centralidade comunitária (Gomes, 2019).

Trazem em si um interessante conceito de saúde: comunidade apática é uma comunidade que não está saudável. A pessoa saudável está sempre se movimentando. A criança saudável, brincando e jogando. É a saúde mesma da comunidade movimentando seus conhecimentos ambientais, intergeracionais e intercorpóreos. A partir de um lazer imersivo (ANDRIEU, ANO), pensamos em um lazer material, encarnado no mundo. Nesse sentido, o arco e a flecha são muito mais do que um jogo.

O arco e a flecha nos ensinam que temos que ser firmes. Inspiram a leveza na vida. Faz-nos pensar na condução aos alvos, para onde estamos preparados. O Arco é a nossa vida, nossa comunidade. É a base que nos lança ao mundo. Com

equilíbrio de voar no tempo e no espaço. (depoimento de Lennon Corezomaé, 2023)⁶

Como já foi referido anteriormente, o senso comum retrata o tiro com arco como um esporte elitista, para poucos. Ou ainda, como um esporte tradicional ou exótico. No entanto, a partir de elementos históricos, geográficos, intergeracionais e intercorporal, bem como de seu caráter utilitário - caçar, pescar, brincar, guerrear ou vencer uma competição -, destacamos a carga simbólica atrelada a devaneios ascensionais do voo e do alcance, que nos projetam e nos despertam, estando presentes em mitos e inúmeras metáforas.

Em termos perceptivos, trata-se de uma prática aérea que interfere na forma como percebemos a distância, o espaço aberto e os materiais. Respiramos. Em espaços abertos, se possível. A tensão e a força do arco em contraponto à leveza da flecha proporcionam uma polaridade importante para as imagens de ascensão - e seu oposto, a queda. Observar o arco e flecha nos permite visualizar a potência da sabedoria estética e seus elementos simbólicos dentro do escopo do esporte e lazer. Também dos jogos tradicionais e ethnoesportes.

Na tradição, o que permanece é o que ainda faz sentido para tantas humanidades que compartilham desta intercorporeidade biocultural, repleta de imagens. Assim, vemos como o arco e a flecha atualizam imagens e significados para a humanidade como uma herança cuja tradição (Krenak, 2019) pode guiar nossos passos futuros.

O arco e a flecha contêm em si, nesse sentido, uma potência e uma entrega. Entre o tiro competitivo e o tiro por lazer, o arco e a flecha dialogam com a distância, com o alvo, ampliando as qualidades do longe e do alto, também de velocidade, avaliação de risco, sentidos aguçados. Este corpo sensível é inaugural da experiência estética (Lacerda, 2012).

Coloca em recursividade o corpo e o mundo. Acorda devaneios encarnados em uma experiência compartilhada: os sonhos. Sem um

6. Indígena do Povo Umutina-Balatiponé, graduado em educação física e mestre em Educação pela UFSCar. Depoimento generosamente oferecido na 2ª edição do Curso Sesc de Gestão do Esporte, com o tema "Comunidades Tradicionais e Esporte", em conjunto com a profa. Soraia Chung Saura.

parâmetro objetivo universal, imagens despertam a partir da matéria. Este corpo que no mundo se engaja, elabora sentidos compartilhados a partir do sensível. O Arco e a Flecha tratam da vida mesma: vida e morte. Ascensão e queda, quem vence e quem perde. Bem viver e bem-estar. Lazer imersivo, ambiental e material. Quando os arqueiros erguem seus equipamentos para o alto e inspiram o ar, o jogo é sobre tudo isso.

Referências

ACOSTA, Alberto. *El Buen Vivir: Sumak Kawsay, una oportunidad para imaginar otros mundos*. Barcelona: Icaria, 2013.

ALTMANN, Philipp. Good Life as a Social Movement Proposal for Natural Resource Use: The Indigenous Movement in Ecuador. *Consilience: The Journal of Sustainable Development*, v. 10, n.1, p. 59 – 71, 2013.

ANDRIEU, Bernard; NOBREGA, Petúcia ; TORRES, Laís Saraiva ; SILVA, Luiz Arthur Nunes. Emergir na natureza: uma educação para a ecologia corporal e lazer emersivo. *Revista COCAR*, n. 4, p. 09-27, 2017.

BACHELARD, Gaston. *Air and Dreams: An Essay on the Imagination of Movement*. Dallas Institute Publications. Dallas, Texas, 1988.

BACHELARD, Gaston. *The Poetics of Space*. New York: Orion Press, 1994.

BACHELARD, Gaston. *The Psychoanalysis of Fire*. London, Lowe & Brydant: (Prinkrs) Ltd. 1964.

BACKWELL, Lucinda Ruth; BRADFIELD, Justin; CARLSON, Kristian J.; Jashashvili, Tea; Wadley, Lyn; et al.; The antiquity of bow-and-arrow technology: evidence from Middle Stone Age layers at Sibudu Cave; Antiquity Publications Ltd; *Antiquity*; 92; 362; 4-2018.

BELOGOLOVSKY, Vladimir. Entrevista com Álvaro Sisa. 22.01.2017. In: ArchDaily. Disponível em: archdaily.com.br/entrevistas. Acesso em 29.01.2024.

BIANCHI, Enea. Philosophies of Archery. *Popular Inquiry: The Journal of Kitsch, Camp and Mass Culture*, 2:22-37, 2021.

BRASIL, Ministério do Meio Ambiente. A Convenção sobre Diversidade Biológica. Brasília: *Secretaria de Biodiversidade e Florestas* (Série Biodiversidade n 1). 2000. Disponível em <https://www.mma.gov.br/estruturas/sbf_dpg/_arquivos/cdbport.pdf>

CAMARGO, Vera Regina Toledo (Org.); ROCHA FERREIRA, Maria Beatriz (Org.); SIMSON, O. R. M. V. (Org.). *Jogo, celebração, memória e identidade*. Reconstrução da trajetória de criação, implementação e difusão dos Jogos dos Povos Indígenas no Brasil (1996-2009). 1.ed. Campinas: Curt Nimuendajú, 2011.

CARVALHO, Renata Meirelles Dias de; ECKSCHMIDT, Sandra; HORNETT, Elisa; LIMAVERDE, Gabriel; MATTOS, Lia; NASCIMENTO, Reinaldo; SAURA, Soraia Chung. A cidade que virou casa considerações sobre o brincar livre e espontâneo durante o período de isolamento social de 2020. *Revista Movimento*, v. 28, p. e28073-e28073, 2022.

CORDNER, Christopher. The Meaning of Graceful Movement. *Journal of the Philosophy of Sport*, 30:2, 132-143, 2003.

EDGAR, A. "Football and the Poetics of Space." *Sport, Ethics and Philosophy* 9 (2): 153-165, 2015.

DAVIS, Paul. "Boxill's Stylish Ambiguity." *Journal of the Philosophy of Sport* 26 (1): 88-94, 1999.

DURAND, Gilbert. *As estruturas antropológicas do imaginário*: introdução à arquetipologia geral. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

ESIABA, Irobi. O que eles trouxeram consigo? Carnaval e persistência da performance estética africana na diáspora. *Projeto História*, São Paulo, n. 44, 2012.

FASSHEBER, José Ronaldo Mendonça; FREITAG, Liliane da Costa, FERREIRA, Maria Beatriz Rocha. Jogos dos Povos Indígenas: um "lugar" de negociações sociais. In: GRANO, Beleni; PASSOS, Luis Augusto. *O Eu E O Outro na Escola*. Cuiabá: EDO UFMT. 2008.

FERNANDES, R. and LACERDA, T.O. "Experiência Estética do Nadador: Um Estudo a Partir da Perspectiva de Atletas de Natação de Alto Rendimento." *Revista Portuguesa de Ciência Desportiva* 10 (1). 2010.

FERREIRA, Maria Beatriz Rocha. "Jogos dos Povos Indígenas: diversidades" em *O Público e o Privado*, n°16, v. 8: 65-80. 2010.

<<https://revistas.uece.br/index.php/opublicoeoprivado/article/view/2445/2188>>

FERREIRA-SANTOS, Marcos. Cultura Imaterial e Processos Simbólicos. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia da USP*. São Paulo, v.14, p.139-151, 2004.

FERREIRA-SANTOS, Marcos. & ALMEIDA, Rogério de. *Aproximações ao Imaginário: bússola de investigação poética*. São Paulo: Képos, 2012.

FRANCO, Marcel Alvez; SANTOS, Luis Anselmo Menezes; CAMINHA, Iraquitan de Oliveira. Subjetividade, corpo e intercorporeidade a partir da fenomenologia de Merleau-Ponty. *Holos (S.L.)* v. 8, p.1-13, 2020

GARAGALZA, Luis, “Tras las huellas de Hermes: la hermenéutica simbólica como contribución a los estudios del imaginario”, en *Cadernos de Educação*, n. 14, 2014.

GERMANO, Beta. Site Arte que Acontece. MAM de São Paulo abre coletiva de Arte Indígena e Contemporânea. Disponível em: <https://www.artequaeacontece.com.br/jaider-esbell-assina-a-curadoria-de-mostra-de-arte-indigena-contemporanea-no-mam-de-sao-paulo/>. Acesso: 10.09.2023.

GUIM, Ursula Kle. The Carrier Bag Theory of Fiction. In: *Dancing at the Edge of the World – Thoughts on Words, Women, Places*. New York: Ed. Grove Press, 1986.

GOMES, Fabio José Cardias. Ethnosport Psychology: A model of traditional games of indigenous people of the Eastern Amazon. *International Journal of Ethnosport and Traditional Games*, n. 2, p. 63-75, 2019.

HAN, Byung-Chul. *The burnout society*. Library of Congress. Printed in the United States of America. 2010.

HACKEROTT, M. A.; ZIMMERMANN, Ana C.; SAURA, S. C. Elementos do tradicional na vela esportiva. *Revista Portuguesa de Ciências do Desporto*, v.17, p.65 - 77, 2017. Available at: http://www.fade.up.pt/rpcd/_arquivo/artigos_soltos/2017-2/05.pdf

HACKEROTT, Maria Altimira; ZIMMERMANN, Ana Cristina; SAURA, Soraia Chung. The phenomenology of image and enthusiasm for the experience of foiling sailboats. *Leisure Studies*, v. 1, p. 1-12, 2023. Available at:

<https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/02614367.2023.2182343>

HUIZINGA, Johan. *Homo Ludens: o jogo como elemento da cultura*. São Paulo: ed. Perspectiva, 2019.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). *Censo Brasileiro de 2010*. Rio de Janeiro: IBGE, 2012.

ITO, Eric Sioji; SAURA, Soraia Chung; ZIMMERMANN, Ana Cristina. *Between chaos and the cosmos: the imaginary of traditional climbing*. *World Leisure Journal*, v.64, 4, 2022. Available at <https://doi.org/10.1080/16078055.2022.2125569>.

JUNG, C. G., *Métamorphoses et symboles de la libido*. Montaigne, Paris, 1932.

KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. *The Falling Sky: words of a Yanomami Shaman*. Harvard University Press: London, UK. 2013.

KRENAK, Ailton. *Ideias to Postpone the End of the World*. Anansi International. Toronto, CA. 2020.

LACERDA, Teresa Oliveira. "Elementos para a Construção de uma Estética do Desporto." Dissertação de Doutorado. Porto: FCDEF-UP, 2002.

LACERDA, Teresa Oliveira ; MUMFORD, Stephen. *The Genius in Arte and in Sport : a contribution to the investigation of Aesthetics of Sport*, *Journal of the Philosophy of Sport*, 37 :2, 182-193, 2010.

LACERDA, Teresa Oliveira. *Uma aproximação Estética ao Corpo Desportivo*. *Revista Portuguesa de Ciência do Desporto*. 7(3), 2007.

LACERDA, T. O. "Education for the Aesthetics of Sport in Higher Education in the Sports Sciences – The Particular Case of the Portuguese-Speaking Countries" In *:Journal of the Philosophy of Sport*, n.39, vol. 2: 235-250. 2012.

LUDOVIC SLIMAK et al. *Modern Human Incursion into Neanderthal territories 54.000 years ago at Mandrin, France*. *Sci. Adv.* 8 eabj9496, 2022.

MAFFESOLI, Michel. *O Elogio da Razão Sensível*. São Paulo: Vozes, 2001.

MARTINKOVÁ, Irena; PARRY, Jim. *An Introduction to the Phenomenological Study of Sport*. *Sport, Ethics and Philosophy*, v. 5, n. 3, p. 185-201, 2011.

MACKIE, Robin. How archery was vital to the survival of early humans. *The Observer*. 16 Apr 2022. Available at: <https://www.theguardian.com/observer>.

MENEZES, Paula Mendonça de. Corpo preparado, alma protegida: jeitos de cuidar e modos de aprender no crescimento da criança Yudja. 2017. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017. doi:10.11606/D.48.2018.tde-30012018-141536.

MERLEAU-PONTY, Maurice. *Phenomenology of perception*. London: Routledge, 1962.

NA, Young Il. Popularization and Globalization of Traditional Archery. In: Anais da Sociedade Coreana de Dança vol. 2, 22-31. 2019.

NOBREGA, Terezinha Petrucia da. Corporeidades: inspirações merleau-pontianas. Natal: IFRN, 2016.

PLATCHIAS, Dimitris. "Sport is Art". *European Journal of Sport Science*. 3 (4): 1-18, 2003.

PITTA, Danielle Perin Rocha. Iniciação à teoria do imaginário de Gilbert Durand. 2.ed. Curitiba: CRV, 2017.

RECOURS, R. "You Can Fly. You Belong to the Sky." *Le Plaisir Onirique dans la Pratique des Sports D'hiver*. In: Frédéric Monneyron. *Sport et Imaginaire*. Presses Universitaires de la Méditerranée, 204 p. ISBN 978-2-36781-032-4, 2013.

SARTRE, Jean-Paul, *L'imagination*. P. U. F, Paris, 1950.

SAURA, Soraia Chung; CARVALHO, Renata Meirelles Dias de. Brincantes e Goleiros: considerações sobre o brincar e o jogo a partir da fenomenologia da imagem. In: Correia, W.R; Muglia-Rodrigues, B. (orgs) *Educação Física no Ensino Fundamental: da inspiração à ação*. 1ed. São Paulo: Fontoura, v. 1, p. 35-60. 2015.

SAURA, Soraia Chung; ECKSCHMIDT, Sandra; ZIMMERMANN, Ana Cristina. Ensaio sobre um princípio fenomenológico da imagem: As Árvores e as Crianças. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*, v.33, p.9-14, 2019.

SAURA, Soraia Chung; ZIMMERMANN, Ana Cristina. *Traditional Games*. São Paulo: Selo Pirata, Laços, 2016.

SAURA, Soraia Chung; ZIMMERMANN, Ana Cristina. Traditional sports and games: intercultural dialog, sustainability, and empowerment. *Frontiers in Psychology*, v. 22, p. 32-60, 2021. DOI:

<https://doi.org/10.3389/fpsyg.2020.590301>

TAKÁCS, F. "Sport Aesthetics and Its Categories." *Sport Science Review* 12: 27-32. 1989.

VINHA, Marina; FERREIRA, Maria Beatriz Rocha. Evento nacional—Jogos dos Povos Indígenas, jogos tradicionais e processos de esportização. *SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA*, v. 23, 2005.

ZIMMERMANN, Ana Cristina; SAURA, Soraia Chung. Les savoirs oubliés: corps, tradition et l'environnement dans les communautés brésiliennes et latino-américaines, *Recherches & éducations* [En ligne], HS | Juillet 2020. Available at: <http://journals.openedition.org/rechercheseducations/9147>

ZIMMERMANN, Ana C.; ITO, Eric Sioji; SAURA, Soraia Chung. The perception of plenitude in sustainable climbing: Body ecology for an ethics of care. *STAPS. Sciences et Techniques des Activités Physiques et Sportives.*, v. 132, n. 2, p.15 - 25, 2021. Available at: <https://www.cairn.info/revue-staps-2021-2-page-15.htm>

ZIMMERMANN, Ana C.; SAURA, Soraia Chung. Body, environment and adventure: experience and spatiality. *Sport, Ethics and Philosophy.*, v.11, p.155 -168, 2017. Available at: <http://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/17511321.2016.1210207>.

ZIMMERMANN, Ana C.; SAURA, Soraia Chung. *Corpo e espanto na filosofia de Merleau-Ponty* In: Merleau-Ponty e a Educação Física. São Paulo: Liber Arts, v.1, p. 119-132, 2019.

ZIMMERMANN, Ana; ANDRIEU, Bernard. Body ecology and emersive exploration of self: The case of extreme adventurers. *Sport, Ethics and Philosophy*, v. 15, n. 4, p. 481-494, 2021.

Soraia Chung Saura

Bacharel em Filosofia pela FFLCH-USP (1996). Mestrado e Doutorado em Antropologia do Imaginário pela Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo com a tese: Planeta de Boieiros, culturas populares e educação de sensibilidade no imaginário do Bumba-meu-boi.(2008). Realizou pesquisa de Pós doutorado como Professora Visitante Senior na Universidade do Porto na área de Estética do Esporte (Filosofia do Esporte), com bolsa CAPES/PRINT Programa Institucional de Internacionalização (2024). Professora Doutora, no Departamento de Pedagogia do Movimento do Corpo Humano da Escola de Educação Física e Esportes da Universidade de São Paulo (2010). Desenvolve pesquisas na área da Filosofia do Esporte, na interface com os Estudos do Imaginário. Dentre os temas de investigação estão o Brincar Livre com o Território do Brincar; os Jogos Tradicionais e Ethnoesportes, as Festas e as Manifestações de Comunidades Tradicionais; o Lazer e outros modos de viver o Esporte e a diversidade.

E-mail: soraiacs@usp.br

Currículo lattes: <http://lattes.cnpq.br/3190982691700175>

Ana Cristina Zimmermann

Graduação em Educação Física pela Universidade Federal de Santa Maria (1995), especialização em Recreação, Lazer e Animação Sócio-Cultural pela Universidade Estadual de Londrina (1997), mestrado em Educação Física pela Universidade Federal de Santa Catarina/UFSC (2001) e doutorado em Educação pela USFC (2010), com estágio no Exterior (Bolsa Capes/PDEE), University of Nottingham. Realizou pesquisa de Pós-doutorado como professora visitante na Université Paris-Decartes/UFR STAPS (Sciences et Techniques des Activités Physiques et Sportives) com bolsa Capes/Print (Programa Institucional de Internacionalização). Trabalha com Ensino Superior em Educação Física, com ênfase nas dimensões socioculturais e filosóficas do movimentar-se, em especial nos seguintes temas: corporeidade, jogo, aventura, jogos tradicionais, ensino. Atualmente é professora na Escola de Educação Física e Esporte da Universidade de São Paulo.

E-mail: ana.zimmermann@usp.br

Currículo lattes: <http://lattes.cnpq.br/9176730729451504>

Teresa Oliveira Lacerda

Doutora em Ciências do Desporto, desde 2002, com a tese intitulada Elementos para a construção de uma Estética do Desporto. É professora na Faculdade de Desporto da Universidade do Porto, Portugal, onde é regente de várias unidades curriculares nos cursos dos diferentes ciclos de estudos. É responsável pela criação e desenvolvimento da unidade curricular de estética do desporto presente em diversos cursos. As suas áreas de ensino são a estética do desporto, a história do desporto e o pensamento contemporâneo, constituindo a estética do desporto a sua área principal de investigação.

E-mail: tlacerda@fade.up.pt

Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-0269-6235>

Recebido para publicação em novembro de 2024.

Aprovado para publicação em fevereiro de 2025.